

Capítulo 1

PREGAÇÃO ANTES DE CALVINO

Os devotos dos Reformadores são induzidos a reivindicar qualidades demais para seus ídolos. Esses partidários muitas vezes falam como se a Bíblia fosse um livro desconhecido antes de 1515, como se a sã teologia estivesse adormecida entre Paulo e Lutero (apesar de, vez por outra, se revirar no sono) e como se a verdadeira pregação tivesse deixado de existir depois que o último apóstolo se calou e até que Lutero, Calvino e Latimer subissem ao púlpito. Certamente não compreenderemos a pregação de Calvino se a considerarmos de forma isolada ou apenas no contexto da pregação de sua época. Ele não apareceu do nada como um pregador, como Palas Atenas que surgiu plenamente armada da cabeça de seu pai. Antes dele houve um Lutero, um Bernardo, um Agostinho e, acima de tudo, um Orígenes. Quando chegou para pregar, ele já tinha em mãos um instrumento que servia perfeitamente a seus conceitos e desígnios. Portanto, é necessário que vejamos um pouco da história da pregação cristã¹ a fim de entender como ela foi moldada – por influências tanto de dentro quanto de fora da igreja – na forma que Calvino a usou quando subiu no púlpito da Catedral de São Pedro em Genebra.

A igreja apostólica não tardou em obedecer à incumbência que seu Mestre lhe deixou quando ascendeu: pregar o evangelho. Todos os discípulos se ocuparam em testemunhar, proclamando a crucificação e a ressurreição de Jesus Cristo. Os próprios apóstolos consideravam o “ministério da palavra”, junto com a oração, o seu dever principal, de modo que abdicaram de outras tarefas que aparentavam maior urgência e importância (At 6.1-6).

¹ Para uma análise completa, veja DARGAN, E. C. *A History of Preaching* (2 vols.) ou KER, J. *Lectures on the History of Preaching*. Esta última é melhor obra, mas só vai até a Reforma na pregação geral.

Contudo, eles não reivindicavam um monopólio sobre a pregação, visto que os diáconos – e até os membros comuns, pelo parecer de Atos 8.4 – também partilhavam do trabalho que, apenas gradualmente, foi se tornando um ofício organizado. Eles pregavam para multidões e individualmente. Pregavam ao ar livre, nas sinagogas, na igreja, onde quer que estivessem reunidos. A essência da pregação, porém, era sempre a mesma: proclamação da morte e ressurreição de Jesus e interpretação de que isso era ação de Deus em prol da salvação do homem. A pregação ao mundo não cristão – fosse ele judeu, grego ou bárbaro – era de fato “pregação” no sentido mais correto da palavra: a *kerygma*; o arauto proclamando os decretos do seu Senhor.² Como tal, era mais profética e agressiva que a *homilia*, endereçada somente à igreja. Compare, por exemplo, o sermão de Pedro no alpendre de Salomão (At 3.12) ou o sermão de Paulo na sinagoga de Antioquia da Pisídia (At 13.16) com uma Carta como aos Efésios que é, estritamente falando, *didache* e *paraklesis*, mas que pode ser considerada como uma homilia do mesmo tipo que a chamada Segunda Carta de Clemente, já que foi escrita para ser lida nas igrejas de determinado distrito. Então, a *kerygma* é principalmente o anúncio do que Deus realizou em Jesus Cristo e, a partir disso, o apelo para o arrependimento, enquanto que a homilia consiste na instrução doutrinária e na exortação à santidade. Mas o que faz da homilia uma pregação é exatamente esse elemento de *kerygma* – “Assim diz o Senhor” – que é o fator determinante na pregação cristã.

Tão pouco é sabido sobre a pregação entre a Era Apostólica e Orígenes que seria precipitado ser dogmático a respeito disso. Não obstante, tudo indica que a homilia era lida, mas que não possuía um texto, apesar de as Escrituras serem incorporadas nela, e que era interpretada pelo presidente da assembleia. A pregação cristã nas sinagogas foi se esvaecendo à medida que se aumentava a disparidade entre o cristianismo e o judaísmo. É razoável supor que, de modo geral, a pregação manteve a mesma natureza dual que a caracterizava nos dias do Novo Testamento.

No 3º século, com a chegada de Orígenes, vem uma mudança extremamente importante e abrangente para os métodos homiléticos. De fato, seria difícil superestimar a influência desse grande pensador na pregação. Quando Christlieb o chama de “Pai da pregação grega”, ele está na verdade o menosprezando, porque Orígenes não apenas define a prática da pregação grega e da pregação ocidental, mas de tudo que pode ser entendido especificamente como “pregação protestante”. Antes de Orígenes, o pregador não partia de um texto, ele falava sobre um tema, escolhido por ele mesmo, e

²Para o parágrafo completo, veja DODD, C. H. *The Apostolic Preaching and its Developments*.

depois ilustrava e “comprovava” com citações das Escrituras.³ Quando o pregador tinha uma profunda compreensão da natureza e dos limites do evangelho (como era o caso dos apóstolos, que também usavam esse método) essa formulação era perfeitamente satisfatória. Mas ela era inevitavelmente vulnerável à possibilidade de pregadores heréticos ou simplórios escolherem um tema fora do escopo do evangelho. Orígenes transformou o sermão em uma exposição das Escrituras,⁴ usando como forma a homilia no seu sentido moderno – um comentário contínuo sobre as partes do texto. Dargan, citando Nebe, nos fornece um interessante esboço da visão de Orígenes sobre a pregação:

Ele cria tanto no chamado e na qualificação divina do pregador quanto na necessidade humana de esforço para adquirir e refinar o dom da profecia. Ele se importava pouco com a retórica pagã, mas muito com a exposição simples, clara e poderosa da Palavra de Deus. Ele insistia que o pregador precisava ser puro e reverente para poder ensinar de maneira correta a seus ouvintes a verdade de Deus. (...) Como a fonte do sermão deve ser a Palavra de Deus, então seu objetivo supremo deve ser a edificação espiritual do ouvinte, e para esse fim deve haver tanto instrução quanto exortação. Então, ele insiste que o pregador deve conhecer tanto a Palavra quanto o coração dos homens.⁵

Orígenes lançou os fundamentos para a pregação na igreja que tem se mantido até os dias de hoje. Havia, no entanto, outro lado para seu método que levou a resultados menos esperados. Trata-se da sua interpretação alegórica das Escrituras que também marcou uma tendência na pregação posterior e que perdeu completamente o rumo nas extravagâncias da Idade Média.

A tolerância do imperador Constantino ao cristianismo em 313 teve um efeito profundo na pregação; no geral: um efeito ruim. Enquanto a igreja era minoria, vivendo na insegurança de uma possível perseguição, ou em seu terror real, o pregador não se via tentado a entreter ou a de qualquer modo agradar seus ouvintes, que em sua maioria eram crentes desejosos

³ Um bom exemplo disso são os sermões de Pedro em Atos 3.11-26, e a Segunda Carta de Clemente.

⁴ Outras pessoas estavam caminhando, Tateando, em direção à homilia, notavelmente Clemente de Alexandria. Talvez possa se encontrar uma semente da homilia em Atos a partir de 2.14, e de modo mais claro a partir de 8.32: “... Filipe, (...) começando nesta Escritura, lhe anunciou a Jesus.” A homilia se tornou possível, e talvez inevitável, depois da aceitação dos escritos do N.T. no final do 2º século. Uma homilia baseada nos escritos do N.T. seria impossível nos tempos apostólicos.

⁵ *A History of Preaching*, vol. I, p. 51-52.

em aprender mais sobre Cristo e sobre sua fé, pessoas que genuinamente buscavam a verdade. Aqueles que frequentavam as reuniões da igreja lidavam, muito provavelmente, com toda a sorte de desgostos e escárnios. Eles não estavam em busca de um sermão interessante, mas de instrução e de discernimento. O resultado da tolerância de Constantino, todavia, foi fazer do cristianismo não só a religião oficial, mas também a religião popular. Consequentemente o caráter das congregações mudou, e agora compareciam multidões de “pagãos batizados” que buscavam (na melhor das hipóteses) ficar interessados e (na pior) entretidos. Os pregadores não puderam evitar a influência e muitos, talvez a maioria, foram desnorteados por sua nova popularidade e se empenharam em atender às exigências banais de seus ouvintes com sermões interessantes, eloquentes e efêmeros. Em muitos lugares, o sermão despencou para o nível de entretenimento e a plateia chegava ao ponto de aplaudir o pregador. Foi venturoso para a igreja o advento de dois homens como Crisóstomo e Agostinho no final desse século. Na prática e na teoria,⁶ eles confirmaram e aprofundaram o trabalho de Orígenes. Como ele, esses também consideravam que a pregação era em sua essência uma exposição das Escrituras. No seu uso da homilia (forma que já estava difundida) eles foram um passo adiante ao pregar livros inteiros da Bíblia, mais ou menos consecutivamente.

Esses foram os últimos dos grandes patrísticos e após eles houve uma clara decadência na pregação, tanto no Oriente quanto no Ocidente, que durou alguns séculos. Apesar da forma do sermão não ter mudado, daquela posta por Orígenes, o outro lado de sua influência se mostrou pela prevalência de desvairadas interpretações alegóricas das Escrituras. A essência da pregação também se afastou da *kerygma* apostólica e se refugiou na exortação à moralidade. É certo que a pregação nunca esteve completamente morta durante esses cinco séculos, mas (como disse Hardy) também não estava “viva o suficiente para ter forças para morrer”. Havia, contudo, algumas forças trabalhando em direção aos grandes movimentos de pregação que aconteceriam no final da Idade Média. Encontramos algumas injunções ao clérigo a respeito da pregação, como a *Regula Canonicorum* de Chrodegang, bispo de Metz, na qual a pregação é ordenada no mínimo duas vezes por mês, quando não todo domingo, e a *Capitularia* dos próprios imperadores na qual o clero está proibido (Calvino 750 anos antes de Calvino!) “de dissimular e pregar às pessoas, a partir de seu próprio entendimento e não a partir das Sagradas Escrituras, coisas novas e não

⁶ Ambos escreveram homiléticas: Crisóstomo, *Περί Ἱερευς*, Livro 4. Agostinho, *De Doctrina Christiana*, Livro 6.

canônicas⁷. No geral, o fator mais importante desse período foram as pregações missionárias, apesar de mesmo nesse caso a compreensão do evangelho apostólico ter sido muito imperfeita.

O século 11 trouxe um ressurgimento da pregação, movido em parte pelo renascimento acadêmico, em parte pelas reformas eclesiásticas do Papa Gregório VII, e em parte pelo entusiasmo decorrente das Cruzadas. Houve na igreja um interesse renovado na pregação tanto por parte do clero quanto dos leigos, e grandes pregadores, como Bernardo, atraíam multidões aos seus sermões. A homilia ainda era comum, porém arranjos artificiais começaram a surgir nos sermões dos estudiosos. Somado a isso, interpretações alegóricas perdiam cada vez mais o rumo e a doutrina se afastava cada vez mais da doutrina dos Pais e das Escrituras. Mas essa nova vida continuou e a pregação medieval floresceu no século 13. A maior força para o seu desenvolvimento foi a fundação das ordens religiosas dos Dominicanos e dos Franciscanos, ambas estabelecidas como ordens homiléticas. A pregação dos frades era simples, jovial e direta; eles geralmente se valiam do vernáculo e eram populares com o povo simples que se juntava em multidões para ouvir alguns de seus membros mais conhecidos. Dargan diz que Berthold e Antônio de Pádua angariavam multidões maiores que Whitefield ou Moody mais tarde. Apesar de algumas fraquezas (como o sensacionalismo que muitos dos frades assumiram) a mera existência dessas ordens mostra a boa percepção do lugar da pregação na igreja.

Além desse movimento, outro fator contribuiu para a evolução da pregação na teologia escolástica. Os escolásticos dispensaram a homilia e empregaram uma estrutura formal nos seus sermões. Esse formato foi empregado universalmente nos sermões acadêmicos, e como os estudantes eram treinados nesse método nas universidades,⁸ esse foi amplamente utilizado nas paróquias, apesar de a homilia nunca ter se extinguido completamente. Aqui, só é possível apresentar uma esquemática mínima desse formato incrivelmente complicado e sutil. O sermão era dividido em cinco partes:

- Tema ou texto.
- Pré-tema, para despertar o interesse das pessoas.
- Introdução ao tema, para explicar seu significado.
- Divisão em partes.
- Desenvolvimento das partes.

⁷ *Capitulária* para A.D. 789. Citado por Dargan, *op. cit.*, vol. I, p. 134.

⁸ Uma série de manuais homiléticos – *Artes praedicandi* – foi escrita para esse propósito. Para um detalhamento da pregação escolástica veja SMYTH, C. H. *The Art of Preaching*, e (em completo) CHARLAND, T. M. *Artes Praedicandi*, e OWST, G. R. *Preaching in Medieval England*.

Havia muito mais nesse formato do que isso, regras precisas governavam cada uma dessas seções. Por exemplo, o tema deveria conter três palavras principais e sua divisão deveria ser em três partes – e isso de tal modo que permitisse o emprego de rimas e ritmos específicos. A meticulosidade dos escolásticos pode nos parecer ridícula nos dias de hoje, mas seu trabalho foi uma importante novidade na homilética. E é preciso lembrar que até um escritor calvinista na arte de pregação, Andreas Hyperius, tinha grande afinidade com eles.⁹ Alguns escritores consideram os escolásticos os salvadores do sermão, pois o libertaram das amarras da homilia. Mas o formato que lhe deram era muito mais rígido e artificial e não era tão apropriado para os propósitos da pregação. “Tal pregação”, diz Canon Smyth, “pode ser extremamente inteligente e engenhosa, mas sua conexão com a Palavra de Deus, apesar de inegável, é puramente superficial e puramente formal”.¹⁰

Nos dois séculos que precederam a Reforma, a pregação medieval decaiu e perdeu a seriedade de propósito e conteúdo. Muitos pregadores, claro, eram zelosos em seu ofício, mas frequentemente a pregação se reduzia ao humorístico e ao burlesco; e como diz Richard Rothe, “nem mesmo pregadores sérios consideravam esse gracejo abaixo de sua dignidade”.¹¹ Na Inglaterra havia a importante exceção de Wycliffe e sua treinada equipe de pregadores Lollardistas. Podemos encontrar nele as ideias evangélicas sobre pregação que Lutero receberia através de Huss e que são tidas como constituintes específicas do conceito reformado de pregação. Assim diz o Dr. Workman sobre seus sermões: “Esses são sermões da era da Reforma e não da era medieval. Na sua forma (...) se aproximam mais de Genebra ou Escócia”.¹² Em primeiro lugar, Wycliffe se distanciou decisivamente da pregação medieval tanto em forma como em conteúdo. Ele retornou à homilia e fez da pregação a simples exposição das Escrituras. Em segundo lugar, ele delineia uma doutrina da Palavra que não parece ser fundamentalmente diferente daquela de Lutero ou Calvino:

Ó maravilhoso poder da Semente Divina! Que subjuga
guerreiros poderosos, que amolece corações duros como
pedra e renova à imagem divina homens deturpados pelo
pecado e infinitamente distantes de Deus. Claramente, tão
magnífico prodígio nunca poderia ser feito pela palavra de

⁹ Veja p. 123 ss.

¹⁰ SMYTH, *op. cit.*, p. 53.

¹¹ *Geschichte der Predigt*, p. 261.

¹² WORKMAN, H. B. *John Wyclif*, vol. 2, p. 213-214.

um sacerdote se, antes de tudo, o calor do Espírito da Vida e a Palavra Eterna não trabalhassem em conjunto com ela.¹³

Em outras palavras, a verdadeira pregação é a Palavra de Deus ouvida na voz de um homem. Em terceiro lugar, ele insiste que a pregação deve ser uma aplicação das Escrituras para a condição do ouvinte e adaptada ao seu entendimento. Apesar de ter falhado, pelo que parece, em termos de eficácia na sua própria pregação em razão de seu desdém intelectual pelos métodos sensacionalistas de seus oponentes e frades, sua influência na pregação de modo nenhum foi insignificante.

No começo do século 16, a pregação certamente não era negligenciada, mas o formato escolástico e os devaneios alegóricos ainda predominavam. Os frades (não obstante os abusos cometidos, à maneira de Tetzl), as universidades (apesar de terem maculado seus esforços em seus erros) e os mosteiros, todos contribuíram para a difusão de um movimento da pregação. As paróquias figuravam em último lugar, porque por mais que seja verdade que a frequência da pregação tem sido subestimada, como Whitney diz, os paroquiais eram notoriamente desinteressados em pregar com frequência, isso quando tinham algum interesse em pregar. E, apesar de que, como havíamos dito, havia pregação suficiente na Cristandade, pouco se compara com a pregação patrística ou apostólica. Essa carecia do tom decisivo de proclamação do evangelho. As exceções, como Staupitz e alguns homens do Novo Aprendizado, como Colet, se sobressaem ainda mais justamente por sua singularidade.

Comparada aos anos anteriores, a atividade homilética dos Reformadores é assustadora. Os vinte grandes volumes de Lutero na edição de Weimar, a enorme produção de Calvino e as frequentes injunções de Cranmer, todos testificam uma nova apreciação do lugar que a pregação tinha nos trabalhos da igreja. Não menos eloquente foi o escárnio de Latimer para com os “prelados não pregadores”, ou o desdém de Lutero contra os pífiros, dois sermões de Osiander por semana ou, paradoxalmente, a recusa de Melanchthon em pregar por acreditar não ter sido chamado por Deus ao ofício. Na Reforma, a pregação ocupou uma posição que não havia ocupado desde o 5º século. O evangelho é um retorno ao Novo Testamento por meio de Agostinho; o formato é um retorno à homilia dos Pais da Igreja.

Não é devido a Calvino nenhum crédito por essa redescoberta, pois ele era o que os teólogos continentais chamam de epígono da Reforma, isto é, um integrante da segunda geração de Reformadores que se inseriram no

¹³ Citado por WORKMAN, *op. cit.*, p. 210.

trabalho que a primeira geração havia iniciado. Antes, sua genialidade está na sistematização e análise, em vez de criação. Foi Lutero que redescobriu tanto a forma quanto a substância de sua pregação.¹⁴ Em seus primeiros sermões, pronunciados no monastério de Erforte, ele pregou em latim e usou a forma escolástica. Depois de um tempo, no entanto, dispensou esse formato, e quando foi pregar na paróquia, falou em alemão e usou as Cartas e os evangelhos do dia como base para sua homilia expositiva. Para ele, a pregação era a genuína Palavra do próprio Deus e, como tal, detinha uma posição central na igreja.

Zuínglio o seguiu no uso da homilia, algo que parece ter sido comum a todos os Reformadores. Ele a levou um passo adiante e pregou os livros de forma continuada, começando, no ano de 1519, em Zurique, com o evangelho de Mateus. Como Lutero, ele pregava extemporaneamente, mas seus sermões eram raramente registrados por secretários, como eram os sermões de Lutero e de Calvino. Seu discípulo, Bullinger, demonstra uma energia na pregação que mal é superada pelo próprio Calvino. Nos primeiros dez anos de seu ministério ele pregou praticamente a Bíblia inteira, e entre 1549 e 1565, de acordo com Dargan, ele pregou (*inter alia*) cem sermões sobre Apocalipse, sessenta e seis sobre Daniel, cento e setenta sobre Jeremias e cento e noventa sobre Isaías.¹⁵

Esses homens representam a postura dos Reformadores como um todo em relação à pregação. Na Inglaterra, França, Escócia e também na Alemanha e Suíça, a pregação da Palavra foi reconhecida como a tarefa principal do ministério. A missa foi destronada de seu reinado usurpado na igreja, e o sermão foi colocado em seu lugar. O púlpito, em vez do altar, tornou-se o ponto central nas igrejas luteranas, calvinistas e anglicanas. A pregação foi vinculada às Escrituras tanto em forma quanto em substância. O propósito da pregação, de acordo com os Reformadores, era expor e interpretar a Palavra de Deus nas Escrituras. Desse modo, eles promulgaram as Escrituras como o critério a partir do qual toda sua pregação deveria ser julgada. A pregação era a serva da Palavra eterna que Deus uma vez “pronunciou” e da qual foram testemunhas as palavras dos profetas e dos apóstolos.

¹⁴ Mackinnon se engana ao chamar o trabalho de Lutero uma inovação na história da pregação, veja *Luther and the Reformation*, vol. 4, p. 308.

¹⁵ Cf. Apêndice 2 para uma lista dos sermões de Calvino no mesmo período.